

IV Jornada de Didática

III Seminário de Pesquisa do CEMAD

31 de janeiro, 01 e 02 de fevereiro de 2017



ISBN:978-85-7846-384-7

---

## HISTÓRIAS INFANTIS E ADOÇÃO: POR UMA CULTURA ADOTIVA NA ESCOLA

Gilmara Lupion Moreno

Universidade Estadual de Londrina

[gilmaralupion@uel.br](mailto:gilmaralupion@uel.br)

Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica

### Resumo

A criança enquanto sujeito de direitos, tem o direito de ter uma família, seja esta de origem ou substituta, logo, é dever dos adultos – gestores, professores, pais e responsáveis – conhecer e respeitar a especificidades das famílias, dentre elas, a constituída por adoção. Entretanto, a cultura da adoção no Brasil e a ausência de conhecimentos sobre adoção nos cursos de formação de professores, mostram que muitos deles, não sabem como lidar com a criança que revela sua origem adotiva. Com o objetivo de desenvolver uma cultura adotiva na escola, destacamos as obras literárias que tem a adoção como foco principal ou secundário, como uma das propostas de atividades a serem desenvolvidas no contexto escolar. Como metodologia utilizou-se da pesquisa bibliográfica e análise de algumas obras literárias sobre a adoção. Espera-se assim, contribuir para a construção de uma cultura da adoção na escola, e instrumentalizar os professores a trabalharem a temática por meio de histórias infantis.

**Palavras-chave:** Escola – Adoção – Literatura Infantil.

[...] Existem muitas histórias que contam a vida de pessoas que foram adotadas: [...] Bambam é filho por adoção de Beth e Barney no desenho Os Flintstones; Super-homem foi adotado por pais do nosso planeta; Tarzan é uma bela história de adoções especiais e a de Pinóquio mostra a transformação de uma criança em filho!

Lidia Weber

O que é ser criança? O que é infância? Como vivem, hoje, as crianças brasileiras? Temos garantido às crianças aquilo que lhe é de direito? “Ser criança significa, antes de qualquer coisa, ser pessoa, ser gente que se alegra e se entristece, que chora e que sorri, que brinca, que fantasia, que se cansa e que se anima; um sujeito único, complexo e individual” (MORENO, 2008, p.23). Crianças, adolescentes, adultos e idosos, somos todos seres humanos, partilhamos nossas necessidades e interesses, alguns comuns, outros específicos de cada fase da vida. Logo, somos todos cidadãos, portadores de direitos e deveres.

Já, a infância é um componente da estrutura da sociedade, uma construção social, contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando sempre quanto à classe, ao gênero e as condições socioeconômicas (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003). Daí a razão de nos referirmos sempre no plural ‘crianças’ e ‘infâncias’, pois cada criança vive a sua infância. Por diferentes razões, muitas crianças vivem suas infâncias em instituições de acolhimento, a espera de uma família.

Entretanto, as crianças, hoje, têm assegurados os seus direitos na Constituição Federal (1988) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), dentre eles, o direito à convivência familiar. De acordo com o ECA, no Capítulo III - Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária, no Art. 19, “é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (Redação dada pela Lei nº 13.257, de 2016).

Deste modo, não basta à criança estar inserida numa família é preciso que esta lhe dê condições de viver dignamente a sua infância, conferindo-lhe o que lhe é de direito enquanto cidadã. Isto é, as crianças que por inúmeras razões não estão usufruindo o direito de crescer e se desenvolver junto a sua família biológica,

tem o direito de ser colocada em uma família substituta, ou seja, de ser adotada, de ser filho ou filha, irmão ou irmã, de viver no seio de uma família.

Considerando ser a criança um sujeito de direitos, logo, é dever dos adultos - pais, responsáveis e professores - assegurar-lhe o direito à vida, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar, resguardando-a de toda forma de discriminação, no que diz respeito a nossa temática, a sua condição de adotada.

Portanto, cabe à escola respeitar as diferentes constituições familiares, dentre elas, a constituída por adoção. Concepções multiculturalista dos últimos anos – segundo as quais as diferenças devem ser toleradas, respeitadas, incluídas ou, inclusive celebradas – dentre elas, a diversidade de constituições familiares, exige que a escola passe a se dedicar à desconstrução, bem como à crítica de representações estereotipadas, discriminatórias, como por exemplo, a do conceito de família em livros para crianças (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013).

Entretanto, a escola e a literatura podem se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal, sua emancipação pode derivar de uma aliança entre estes dois sujeitos (ZILBERMAN, 1987). “Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa” (ZILBERMAN, 1987). Isto é, tanto a obra de ficção como a escola está voltada à formação humana. Defende-se assim, a presença de livros infantis na escola que tragam em seus enredos as diferentes constituições familiares, tais como, as famílias tradicionais, monoparentais, homoparentais, reconstituídas, constituídas por meio de intervenções tecnológicas (reprodução assistida), por meio da adoção etc.

A cultura da adoção no Brasil, e a ausência de conhecimentos sobre adoção nos cursos de formação inicial e continuada dos professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, mostram que muitos deles, não sabem como lidar com a criança que revela sua origem adotiva, conseqüentemente, com as diferentes questões relacionadas á adoção na sala de aula (VELOSO, 2015). Nesse sentido, perguntamos: As escolas desenvolvem uma cultura da adoção refletindo e discutindo sobre as diferentes questões que envolvem esta temática, em especial, os preconceitos e mitos na adoção? Sabe-se que este tema faz-se presente no contexto escolar, entretanto, muitas vezes é tratado de forma velada, proibida, preconceituosa.

Com o intuito de desenvolver uma cultura adotiva na escola e por entender que o faz-de-conta, o imaginário, a surpresa, a ludicidade presente nas histórias infantis costuma seduzir as crianças pequenas, e que ouvindo histórias elas podem sentir emoções importantes, destacamos a literatura infantil como uma das ricas possibilidades de discutir as relações familiares, até mesmo a nova estruturação das famílias (ABRAMOVICH, 1997).

Este texto tem o propósito de indicar a literatura infantil, como uma das propostas de atividades referentes à adoção a serem desenvolvidas na escola. O referido trabalho está vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado: “A cultura da adoção no contexto da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo sobre concepções e práticas na organização do trabalho pedagógico”. Como metodologia, utilizou-se da pesquisa bibliográfica a partir da leitura de autores como, Zilberman (1987), Abramovich (1997), Vieira (2006), Veloso (2015), entre outros.

Sabe-se que abordar o tema adoção em sala de aula não é uma tarefa simples, ao contrário é um desafio, pois, embora a família constituída por adoção faça parte de nossa realidade e nos deparemos com ela todos os dias, ao ligar a televisão, ao abrir os jornais, percebemos que os professores temem tal assunto, como se ele tivesse fora da realidade de seus alunos (DAVILA; SOUZA, 2013). Contudo, Davila & Souza (2013) contribuem por meio de seus estudos sobre como abordar temas polêmicos em sala de aula utilizando-se de livros de literatura infantil, destacando a importância do “papel dos professores no trabalho em sala de aula com tais textos e a necessidade de formá-los e instrumentalizá-los para um trabalho crítico com os mesmos” (KIRCHO; BONIN; SILVEIRA, 2013, p.1051).

Num primeiro momento, os professores precisam reconhecer a existência do tema adoção fora e dentro da escola, bem como a importância de se trabalhar a constituição familiar por meio da adoção com seus alunos, desde a educação infantil, pois, nesta faixa etária a criança pouco importa se o amigo é filho biológico ou adotado, demonstrando que não tem qualquer preconceito quando o que importa é brincar. Acredita-se que trabalhar o tema adoção com os pequenos aumenta a probabilidade de extinguirmos, ou ao menos diminuirmos atitudes e posturas preconceituosas em relação à adoção.

Na sequência, é preciso que ao selecionar o livro de literatura para trabalhar a adoção em sala de aula, o professor considere a qualidade estética do texto, afinal trata-se de uma obra de arte literária. Importante também que o professor considere o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto, uma vez que, é da “coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor” (ZILBERMAN, 1987, p. 23).

No que diz respeito à escolha dos livros sobre adoção, aqueles escritos por pais adotivos costumam não vincular qualquer tipo de conflito em relação à adoção. Já, as obras que tem a adoção como foco secundário, e os clássicos da literatura infantil<sup>1</sup> compreendem inúmeras histórias de crianças que não são criadas por seus pais biológicos, representando várias situações de conflito (VIERA, 2006). Contudo, os livros de autoria de pais e mães por adoção podem aproximar o professor do universo da adoção, ajudando-o a falar sobre o assunto de uma forma simples e adequada a linguagem das crianças, como por exemplo, o trecho extraído do livro ‘Bebê do coração’:

Você sabe o que é um bebê do coração? Ele é o bebê que foi “escolhido” para fazer parte de uma família. Quando o bebê é da barriga, os pais biológicos geram e criam o bebê. Quando o bebê é do coração, os pais biológicos geram e os pais do coração criam o bebê. Esta pode ser a sua história... ou de um amigo seu (LAUFER, 2002, p.26).

No entanto, é importante esclarecer às crianças pequenas que bebês não nascem do coração, que trata-se de um jeito carinhoso de se referir as crianças adotadas, pois, os filhos por adoção nasceram igualmente da barriga de uma mulher, a genitora deles (WEBER, 2004).

Escolhido o livro, é preciso que os professores auxiliem seus alunos a se tornarem leitores críticos, fazendo perguntas, tais como: Sobre o que esse livro te fez pensar? O que a ilustração da capa te fez pensar? Você já teve experiências parecidas com essa? O que o (a) autor (a) quis dizer com o título desse livro? Qual a parte do livro que você mais gostou? Por quê? Qual a sua opinião sobre o livro?

Além das discussões orais e escritas, outra atividade a ser proposta são os desenhos feitos após a discussão do texto literário, como por exemplo, solicitar às crianças que façam um desenho do trecho da história que mais gostou; que

---

<sup>1</sup> Como por exemplo, ‘O patinho feio’, ‘Mogli’, ‘Cinderela’, entre outros.

representem a história por meio de desenhos em quadrinhos. Pois, “exercícios envolvendo a visualização ajudam o leitor a organizar seu pensamento, a processar criticamente suas ideias sobre o texto e, por conseguinte, a compreender as diferentes perspectivas [...]” (DAVILA; SOUZA, 2013, p.1214).

Com a conquista de direitos sociais, famílias como as monoparentais, homoparentais, adotivas, reconstituídas etc. passaram a ganhar visibilidade social, portanto, uma das sugestões para trabalhar a diversidade familiar na escola é o livro ‘Família’ de Ana Claudia Ramos e Ana Raquel, da Coleção Todo mundo tem. O livro apresenta diferentes composições familiares, dentre elas, a adotiva. O livro convida o leitor à medida que vai lendo a desenhar, recortar e colar interferindo no livro com as suas próprias vivências (RAMOS; RAQUEL, 2009).

Outro livro que pode contribuir de forma significativa na formação de crianças e adultos acerca da construção de uma cultura adotiva na escola é a obra ‘O filho por adoção: um manual para crianças’, de Lidia Weber, mas que apesar do subtítulo pode e deve ser lido também por adultos (pais e professores) que desejam conhecer, entender e lidar com a adoção, na sua própria família, na escola, na igreja... Logo no início do livro, Weber conta que a adoção existe desde os primórdios da civilização. Sinaliza, também, muitas histórias que contam a vida de pessoas adotadas, assim como, de personagens infantis. Apresenta alguns pais famosos que adotaram seus filhos e explica a diferença entre famílias por adoção e famílias biológicas.

O livro trata dos sentimentos de crianças adotadas, das dificuldades das famílias biológicas ao entregarem seus filhos para a adoção e da espera de algumas crianças pela adoção. A autora busca, ainda, desmistificar alguns mitos sobre a adoção e, conseqüentemente, o preconceito que permeia as histórias de famílias adotivas. Por fim, apresenta a adoção por famílias de constituição diversa: crianças adotadas por um casal com filhos, por um casal sem filhos, apenas pela mãe, ou somente pelo pai, por casais homossexuais, por casais que se separaram etc.

O próximo livro indicado para se trabalhar a adoção na sala de aula é ‘O dragão que era galinha-d’angola’, de Anna Flora. A galinha-d’angola encontrou um ovão no terreiro, de onde saiu um belo dragãozinho. Comovida, ela o adotou. Um dia, brincando com os pintinhos, ele quase incendiou o galinheiro e teve de ir embora (FLORA, 2005).

A mamãe galinha-d'angola contava histórias antigas da sua família, o que é bom para a criança adotada, porque desenvolve o sentimento de pertença a uma rede familiar, ajudando-a no processo de construção de sua identidade. Com o incêndio no galinheiro, surgiu um conflito, pois alguns moradores ficaram com medo. Fizeram uma reunião para decidir se o dragãozinho continuaria no galinheiro ou não. Depois de muita discussão, decidiram que o dragão teria que ir embora.

A galinha-d'angola deu muitos beijos no seu filho adotivo, ajudou-o a arrumar a mala, colocou sanduíche e suco de milho na sacolinha e despediu-se do dragãozinho com a promessa de ir visitá-lo logo. A saída do dragãozinho do galinheiro pode ser entendida como a rejeição que muitas crianças e adolescentes adotados sofrem quando apresentam alguma dificuldade no convívio social da sua família adotiva.

A convivência com a sua família adotiva fez dele um dragão diferente, que só comia milho, voava baixinho, piava e não atacava ninguém. Podemos inferir, aqui, que o vínculo da criança com a sua família adotiva, assim como, o convívio, a história e os costumes desta família são a base para a construção da identidade da criança adotada. Ou seja, a criança constituirá o seu “eu” a partir da educação, dos valores e dos costumes que seus pais adotivos lhe transmitirem.

Sua mãe ia visitá-lo de vez em quando, até que, um dia, apareceu muito nervosa, porque a raposa estava rondando o galinheiro. Então, a dragonice dentro dele veio à tona. Abriu as asonas, colocou mamãe galinha nas costas e voou para o galinheiro. Chegando lá, só faltava um pouquinho para a raposa pegar três galinhas... O dragãozinho soltou um fogo tão forte pela boca, que a raposa virou churrasquinho! Aí, todos os moradores do galinheiro ficaram agradecidos e cantaram: “O dragão é um bom camarada... Ninguém pode negar!”.

Esta história mostra que não podemos “rotular” uma criança por supervalorizar, muitas vezes, a sua genética e por temer, assim, que esta possua “genes ruins” e possa se tornar uma ameaça para as pessoas que vivem ao seu redor. O final da história trata exatamente disso, ou seja, aquele a quem os moradores do galinheiro tanto temiam, foi quem os salvou da raposa. O filho adotivo da galinha-d'angola foi bom o bastante para ajudar aqueles que, um dia, decidiram expulsá-lo do galinheiro, afastando-o da sua mãe.

São muitos os livros de literatura infantil que falam sobre adoção, seja como foco principal ou secundário, portanto, cabe aos professores e gestores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental se conscientizar da relevância do tema no trabalho pedagógico com as crianças, buscarem em sua formação continuada conhecimento sobre adoção, e lançarem mão deste recurso encantador que é a literatura infantil a fim de construir na escola uma cultura adotiva, de respeito às famílias constituídas por adoção.

Por fim, acredita-se que as histórias infantis são um dos recursos, para falar sobre a adoção com as crianças, desse modo, espera-se com este estudo contribuir para a construção de uma cultura adotiva nas escolas, e instrumentalizar os professores para trabalharem a partir da literatura infantil a adoção na sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 01 set. 2016.

\_\_\_\_\_. BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm) >. Acesso em: 01 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei no 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei no 12.662, de 5 de junho de 2012. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm)>. Acesso em: 01 set. 2016.

DAHLBERG, G; MOSS, P; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: Perspectivas pós-modernas**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAVILA, D; SOUZA, R. J. de. O uso de textos polêmicos em sala de aula: formação e prática docente. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 38, n.4, p. 1207-1220, out./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 08 jul. 2016.



FLORA, Anna. **O dragão que era galinha-d'angola**. São Paulo: Salamandra, 2005.

KIRCHOF, E. R; BONIN, I. T; SILVEIRA, R. M. H. Literatura infantil e diferenças. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 38, n.4, p. 1045-1052, out./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 08 jul. 2016 .

LAUFER, Thelma Kracochansky. **Bebê do Coração**. São Paulo: Callis, 2002.

MORENO, G. L. Infâncias, Memórias e Culturas: as crianças no cinema, na literatura e nas artes plásticas. In: PASCHOAL, J. D; BATISTA, C. V. M; MORENO, G. L. **As crianças e suas infâncias: o brincar em diferentes contextos**. Londrina: Humanidades, 2008.

RAMOS, A. C; RAQUEL, A. **Família**. 6. ed. São Paulo: Formato Editorial, 2009.

VELOSO, L. de F. **Como crianças e adolescentes adotivos são vistos pela escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

VIEIRA, J. M. Era uma vez... Esta pode ser a sua história. **Cad. Pagu** [online]. 2006, n. 26, pp. 59-85. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644723>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

WEBER, Lidia. **O filho por adoção: um manual para crianças**. Curitiba, Juruá, 2004.

ZILBERMAN, R. A criança, o livro e a escola. In: \_\_\_\_\_. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global Ed., 1987. p. 11-32.